

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

Dentro do Portão do Jardim

O jardim da vovó era um lugar lindo — mais bonito que todas as vitrines das lojas da cidade; pois havia uma flor ou uma grama para cada cor do arco-íris, com grandes lírios brancos, tão retos e altos, que nos lembravam de que um arco-íris de luz era necessário para torná-los tão puros e brancos.

Havia cravos e calêndulas, penas de príncipes, botões de solteiro e margaridinhas para acompanhá-los. Havia papoulas alegres e tulipas vistosas, peônias grandes e imponentes, e finas rosas Duquesa em vestidos de cetim cor-de-rosa.

Havia violetas macias como veludo, bandeiras azuis altas e largas fitas de grama que as fadas poderiam ter usado como faixas; e hortelã, tomilho, bálsamo e alecrim por toda parte, para deixar o jardim doce; então não era de se admirar que, todo ano, o jardim estivesse cheio de visitantes.

Ninguém notava esses visitantes, exceto a vovó e Lindsay.

Lindsay era um menininho bem pequeno, e a vovó uma senhora bem idosa; mas eles amavam as mesmas coisas e sempre observavam esses pequenos visitantes, que vinham no início da primavera e ficavam o verão todo com a vovó.

Bem no início da primavera, quando o jardim explodia em flores na cálida luz do sol do sul, a vovó e Lindsay se

sentavam no pergolado, onde as vinhas se entrelaçavam em um emaranhado de flores, e ouviam uma serenata. Música, música por toda parte! Por cima de suas cabeças, atrás de suas costas, as pequenas abelhas marrons voavam, cantando sua música:

“Zun, zun, zun!

Lá vou eu!

Procurar

Mel doce hoje!”

Enquanto elas encontravam os copos dourados de mel e enchiam seus bolsos com mel para guardar em suas caixas de cera em casa.

Um dia, enquanto a vovó e Lindsay observavam, uma abelha marrom voou para longe com seu tesouro, e ao pousar em uma rosa, encontrou um primo, uma linda borboleta amarela.

“Acho que eles devem estar conversando,” disse a vovó, suavemente. “Eles são primos, porque pertencem à grande família dos insetos, assim como seu papai, o tio Bob, a tia Emma e a prima Rachel pertencem a uma família — os Greys; e acho que devem estar falando sobre o mel que ambos amam tanto.”

“Eu queria poder conversar com uma borboleta,” disse Lindsay, com saudade; e a vovó riu.

“Brinque que eu sou uma borboleta,” ela propôs. “Qual cor eu devo ser? — uma grande borboleta amarela, com manchas marrons nas asas?”

Então a vovó fez de conta que era uma grande borboleta amarela, com manchas marrons nas asas, e disse para Lindsay:

“Nunca, jamais, você pode adivinhar, menininho, o que eu costumava ser?”

“Uma borboleta bebê,” adivinhou Lindsay.

“Advinhe de novo,” disse a borboleta.

“Uma flor, talvez; pois você é tão linda,” declarou Lindsay, galante.

“Não, de jeito nenhum!” respondeu a borboleta. “Eu era uma lagarta rastejante.” “Agora, vovó, você está brincando!” exclamou Lindsay, esquecendo que a vovó era uma borboleta.



“Eu? Nada disso,” disse a borboleta. “Eu era uma lagarta rastejante, e me alimentava das folhas do jardim da sua vovó até ficar pronta para tecer o meu ninho; então me embrulhei tão bem que você nunca teria me reconhecido como uma lagarta; e quando saí na primavera, eu era uma linda borboleta.”



“Que lindo!” disse Lindsay. “Vovó, vamos contar as borboletas do seu jardim.” Mas eles nunca conseguiam fazer isso, embora vissem borboletas marrons, azuis, vermelhas, brancas

e amarelas, e as seguissem por todo lado.

Talvez tenha sido no dia seguinte que a vovó levou sua costura para a casa de verão. De qualquer forma, foi muito breve; e enquanto ela e Lindsay se perguntavam quando o roseiral estaria completamente florido, Lindsay viu, bem perto do telhado, uma casinha estranha, parecida com um rolo de papel amassado, com muitas portas na frente; e, claro, ele queria saber quem morava lá.

“Você não deve bater em nenhuma dessas portas da frente,” aconselhou a vovó, “porque é lá que mora a Dona Vespa, e ela pode não entender; embora, se você a deixar em paz, ela não vai te machucar. Deixe-me te contar algo sobre ela.”

Então Lindsay ouviu enquanto a vovó contava a história: Era uma vez um pequeno elfo, que vivia no coração de uma rosa vermelha brilhante, exatamente como as rosas sobre as quais estávamos falando.

Havia muitos outros elfos que viviam no jardim. Um, que morava em um lírio e fazia uma casa adorável; e um elfo papoula, que estava sempre com sono; mas o elfo da rosa gostava de seu próprio quarto doce e perfumado, com suas cortinas carmesins, acima de tudo.

Agora, o elfo da rosa tinha uma amiga muito querida, uma menina chamada Polly. Ela não podia falar com ela, pois as fadas só podem conversar com pessoas como você e eu em sonhos e fantasias, mas ela amava muito Polly e ficava deitada em seu lindo quarto de rosas, ouvindo Polly cantar, até que seu coração ficava alegre. Um dia, enquanto ouvia, ela pensou consigo mesma: “Se eu não posso falar com Polly, posso escrever uma carta

para ela"; e isso a agradou tanto que ela chamou o elfo do lírio para perguntar sobre o que ela deveria escrever. "Eu sempre escrevo minhas cartas nas pétalas das rosas e deixo o vento levá-las," disse o elfo da rosa. "Mas acho que Polly não entenderia isso."

"Eu te direi," respondeu o elfo do lírio, "o que eu faria. Eu iria direto à Dona Vespa e pediria a ela um pedaço de papel."

"Mas a Dona Vespa é muito rabugenta, eu ouvi," disse o elfo da rosa timidamente.

"Nunca acredite nos boatos que você ouve. Se a Dona Vespa parece um pouco mesquinha, tenho certeza de que ela tem um bom coração," respondeu o elfo do lírio. Então o elfo da rosa se animou e voou até a casa da Dona Vespa, onde, por sorte, encontrou Dona Vespa em casa.

"Bom dia, Dona Vespa," chamou o pequeno elfo, "vim ver se você, gentilmente, poderia me dar uma folha de papel hoje."

"Agora," disse a vespa, "eu acabei de forrar a minha casa com o último pedaço de papel que eu tinha, mas se você puder esperar, eu farei uma folha para você."

Então o elfo da rosa soube que Dona Vespa tinha um coração bondoso; e ela esperou e observou com grande interesse enquanto Dona Vespa começava a trabalhar.

Agora, bem perto de sua casa, havia um pedaço de madeira velha e seca, e Dona Vespa a cortou em pequenos pedaços, como fios, com suas duas serras afiadas que ela carrega por aí. Então ela molhou bem esses pedaços com um pouco de cola da sua boca e os enrolou em uma bola.

“Oh, Dona Vespa!” exclamou o elfo da rosa, “Tenho medo de estar te dando muito trabalho.”

“Não se preocupe comigo,” disse a vespa; “estou acostumada a trabalhar.” Então ela espalhou a bola, trabalhando com todas as suas forças, até que virou uma fina folha de papel cinza; e quando secou, ela a entregou ao elfo da rosa.

“Muito obrigada, boa Dona Vespa,” disse o elfo; e ela voou para convidar o elfo do lírio e o elfo da papoula para ajudá-la com a carta, pois ela queria que fosse tão doce quanto todas as flores da primavera.

Quando terminou, eles a leram em voz alta:

“Querida Polly:

Sou um pequeno elfo
E vivo dentro de uma flor;
Vivo para ouvir seu feliz canto,
Que alegra cada hora minha.
Que eu te amo, quero dizer
A você, antes de fechar,
E por favor cante doce todo dia
Para

Sua amiga dentro de uma Rosa.”

A carta foi enviada por um pardal; e o elfo tinha certeza de que Polly entendeu, pois naquele mesmo dia ela veio e se colocou entre as flores para cantar a mais doce canção que ela sabia.

Lá no jardim da vovó, logo que o sol apareceu, uma tecelã muito astuta teceu uma linda roda de finos e belos fios; e quando a vovó e Lindsay saíram, eles viram que estava presa em um roseiral.

A pequena e astuta tecelã estava subindo uma corda de seda próxima, com suas oito pernas ágeis, e observando o mundo com seus oito pequenos olhos, quando a vovó a viu e apontou para Lindsay; e Lindsay disse:—

Oh, Senhora Aranha! Venha tecer para mim um pouco de renda!" Isso fez com que a Avó se lembrasse de uma pequena história que ela havia contado ao papai de Lindsay e a todas as suas crianças, quando eles eram garotos e garotas, e este jardim dela acabava de começar a florescer.

Ela se sentou nos degraus e contou a história para Lindsay.

Era uma vez, há muito, muito tempo, quando a lua prateada brilhava lá no céu, e as pequenas estrelas douradas piscavam, piscavam, uma pequena fada com um pacote de sonhos estava indo apressada para casa, na terra das fadas.

Ela olhou para as estrelas e a lua para ver que horas eram, pois a rainha das fadas lhe pedira para voltar antes do amanhecer.

Lá fora, no mundo, era hora de dormir; e o vento da noite cantava uma velha e doce canção de ninar, e o sabiá também cantava, sozinho, na floresta.

"Não vou me atrasar," disse a fada, enquanto voava como pluma de cardo pelo ar ou saltitava sobre as cabeças das flores; mas, na pressa, ela voou para uma teia de aranha, que a prendeu tão firmemente que, embora lutasse repetidamente, não conseguia se libertar. Seu pacote de sonhos caiu de seus braços e ficou no chão sob o roseiral; e a pobre fada começou a chorar,

pois sabia que a luz do dia sempre estragava os sonhos, e aqueles eram sonhos muito lindos.

Suas asas brilhantes estavam emaranhadas na teia, suas mãos estavam presas e seus pés, indefesos; então ela teve que ficar quieta e esperar pelo dia, que, afinal, chegou cedo demais.

Assim que o sol nasceu, a Senhora Aranha saiu de sua toca; e quando viu a fada, ficou muito contente, pois pensou que havia capturado uma nova espécie de mosca.

"Se você me permite, Senhora Aranha," gritou rapidamente a fada, "eu sou apenas uma pequena fada e voei para a sua teia na noite passada, a caminho de casa, na terra das fadas."

"Uma fada!" disse a Senhora Aranha, irritada, pois estava desapontada; "Suponho que você seja a que ajuda as moscas a se livrarem de mim. Agora você já vê, não é?"

"Eu as ajudo porque elas estão em apuros," respondeu a fada suavemente.

"E você também está, agora," retrucou a aranha, "Mas as moscas não vão te ajudar."

"Mas talvez você ajude," implorou a fada.

"Talvez não," disse a aranha, voltando para sua casa e deixando a pequena fada, que se sentiu muito triste. Suas lágrimas caíam como gotículas de orvalho na teia de aranha, e o sol brilhava sobre elas, tornando-as tão brilhantes quanto os diamantes da rainha das fadas.

A fada começou a pensar na rainha e na corte, e no pacote de sonhos; e ela se perguntou quem faria o trabalho se nunca se libertasse. A rainha das fadas sempre confiara nela e a enviara em muitas missões.

Uma vez, ela havia sido enviada para libertar um sabiá que estava preso em uma gaiola. Ela se lembrou de como ele cantava em sua gaiola, embora estivesse ansiando por suas copas de árvores verdes.

Ela sorriu através de suas lágrimas quando pensou nisso e disse a si mesma:

"Eu posso cantar também! É melhor do que chorar."

Então ela começou a cantar uma de suas canções de fada:

"Oh! Escutem bem, e eu vou contar,
Sobre a terra onde as fadas moram;
Os sinos de lírio tocam claros e doces,
E a grama cresce verde sob seus pés
Na terra onde as fadas moram,
Na terra onde as fadas moram."

Agora, embora a fada não soubesse, a Senhora Aranha gostava muito de música; e quando ouviu a doce canção, saiu para escutar. A pequena fada não a viu, então continuou cantando:

"Grilos alegres, de noite e de dia,
Mantêm os feios duendes bem longe
Da terra onde as fadas moram,
Da terra onde as fadas moram."

A Senhora Aranha se aproximou um pouco mais, enquanto a fada cantava:

"Há amor, doce amor, para todos—
Pois o amor é o melhor para grandes e pequenos—
Na terra onde as fadas moram,
Na terra onde as fadas moram."

Quando a fada terminou a canção, olhou para cima e lá estava a Dona Aranha, que tinha saído apressada.

“As moscas não vão te ajudar,” disse ela, “mas eu vou.” E ela mostrou à fada como quebrar os fios finos até que ela estivesse desembaraçada e pudesse voar pelo sol. “O que posso fazer por você, querida Dona Aranha?” perguntou a fada, enquanto pegava seu embrulho de sonhos.

“Cante-me uma canção de vez em quando,” respondeu Dona Aranha. Mas a fada fez mais do que isso; logo depois de chegar ao reino das fadas, a rainha das fadas precisou de uma fina renda para usar em seu vestido para um grande baile.

“Voe pelo mundo,” disse ela, “e encontre uma fiandeira; e diga a ela que, quando terminar de fiar a renda, poderá vir ao baile e se sentar à mesa da rainha.”

Assim que a fada ouviu isso, pensou na aranha e se apressou para encontrá-la e lhe contar a mensagem da rainha.

“Vai ter música?” perguntou a aranha.

“A mais doce que já se ouviu,” respondeu a fada; e a aranha começou a fiar.

A renda estava tão linda quando ficou pronta, que a rainha das fadas fez da aranha a fiandeira da corte; e então a aranha ouviu as fadas cantarem todos os dias, e também passou a ter amor em seu coração.

Um sabiá cantava no jardim da vovó. Ele era o rei do jardim, e a rosa, a rainha. Toda noite, quando o jardim estava silencioso, ele serenava a vovó; e ela ficava acordada e o ouvia, pois dizia que ele lhe contava todas as boas novas do dia e a ajudava a entender os seres das flores, dos pássaros e dos insetos que viviam em seu jardim.

Lindsay sempre pensou que o sabiá contava à vovó as maravilhosas histórias que ela sabia, e ele também queria ouvi-las, mas nunca conseguia ficar acordado até tarde da noite. Então, ele se contentava com o sabiá pela manhã, quando ele estava tão sapeca.

Havia oriolos, tordos, azuis, jays barulhentos, pardais castanhos e pica-paus de chapéu vermelho; mas nenhum pássaro no jardim era tão alegre, doce e amoroso quanto o sabiá, que podia cantar a música de todos e também a sua própria.

Noite após noite, ele cantava sua própria canção no jardim da vovó. Mas chegou uma noite em que ele não cantou; e, embora a vovó e Lindsay o escutassem o dia todo seguinte e olhassem em cada árvore, ele não foi encontrado.

“Temo que alguém o tenha pegado e o tenha colocado em uma gaiola,” disse a vovó; e quando Lindsay ouviu isso, ficou muito triste, pois sabia que em algum lugar no jardim havia um ninho e uma mãe-pássaro esperando. Ele e a vovó conversaram sobre isso até a hora de dormir, e na manhã seguinte, Lindsay pediu à vovó que o deixasse ir procurar o pássaro.

“Por favor, vovó,” implorou ele. “Se alguém o tem em uma gaiola, tenho certeza de que encontrarei; e vou levar meu próprio quarto de prata para comprá-lo de volta.” Então, depois do café da manhã, a vovó o beijou e deixou-o partir, e ele correu pelo caminho, saiu pelo portão do jardim e perguntou em todas as casas da rua: “Há um sabiá em uma gaiola aqui?”

Isso fez as pessoas rirem, mas Lindsay não se importou. Depois de um tempo, ele chegou a uma casinha com

persianas verdes; e a senhora que atendeu à porta não riu nada quando respondeu à pergunta dele:

“Não; não há sabiás aqui; mas há dois canários amarelos e adoráveis. Você não quer entrar para vê-los?”

“Vou um dia, obrigado, se a vovó me deixar,” disse Lindsay; “mas hoje não; porque se esse sabiá está em uma gaiola, sei que ele está com pressa para sair.”

Então ele se apressou para a próxima casa, e para a outra; mas não encontrou nenhum sabiá. Depois de caminhar muito, começou a temer que tivesse que voltar para casa, quando, bem à sua frente, na janela de uma pequena casa, ele viu uma caixa de madeira com ripas na lateral; e dentro da caixa estava um sabiá muito miserável!

“Viva! Viva!” gritou Lindsay, enquanto subia as escadas e batia na porta. Um grande garoto apareceu na janela e colocou a cabeça para fora para ver o que ele queria.

“Por favor, por favor,” disse Lindsay, dançando na soleira da porta, “vim comprar o sabiá; e tenho um quarto de prata inteiro para dar por ele, porque acho que talvez seja o mesmo que cantava no jardim da vovó.”

“Eu não quero vender,” respondeu o garoto, com uma expressão carrancuda no rosto.

Lindsay nunca tinha pensado em algo assim, e seu rosto ficou sério; mas ele continuou corajosamente:

“Oh! Mas talvez você vá vender. Não vai, por favor? Porque eu sei que ele quer sair. Você não gostaria de estar numa gaiola, sabia? Especialmente no jardim da minha avó.”

“Este pássaro não está à venda,” repetiu o menino, com raiva, franzindo a testa ainda mais sobre a gaiola.

“Mas Deus não fez os sabiás para as gaiolas,” exclamou Lindsay, engolindo em seco. “Então, realmente, ele não é seu.”

“Gostaria de saber por que ele não é,” disse o menino. “Melhor você sair do meu degrau e voltar para a sua vovó, porque eu não vou vender meu sabiá... nem um pedacinho dele.” E ele afastou a cabeça da janela e deixou Lindsay lá na porta.

Pobre Lindsay! Ele não tinha certeza se aquele era o pássaro, mas estava certo de que os sabiás não foram feitos para as gaiolas. Ele colocou a moeda de prata de volta no bolso e tirou o lenço para enxugar as lágrimas que começaram a cair.

O caminho de volta para casa foi cheio de pensamentos sobre isso, e ele soluçava para si mesmo. Ele entrou pelo portão do jardim quase nos braços da avó antes de vê-la, e desabou em lágrimas quando ela lhe falou.

“Pobre menino!” disse a avó, depois de ouvir tudo sobre o ocorrido. “E o pobre homem grande, que não sabia como ser gentil! Talvez o sabiá o ajude, e, afinal, isso será para o melhor.”

A avó estava quase chorando também, quando um estalo no portão fez os dois se assustarem e se olharem; porque lá, vindo pelo caminho, estava um grande menino com um chapéu de palha rasgado e uma pequena caixa de madeira nas mãos, o que fez Lindsay gritar de alegria, pois dentro daquela caixa estava um sabiá muito triste.

“Acho que é seu,” disse o menino, segurando a caixa à frente, “porque eu o capturei lá na estrada atrás daqui.

Nunca pensei que sabiás tivessem tanto valor, e eu odiei vê-lo chorar.”

“Aí está,” exclamou Lindsay, pulando para pegar a moeda de prata do bolso. “Ele é igualzinho à Senhora Vespa, não é, vovó?” Mas o menino já tinha ido embora, descendo o caminho e passando pelo portão sem esperar nada, embora Lindsay tenha corrido atrás dele e gritado.

Lindsay e a avó estavam tão empolgados que não sabiam o que fazer. Olharam para o portão depois do menino, depois um para o outro e, então, para o pássaro.

Lindsay correu para pegar o machado, mas estava tão empolgado com a alegria que não conseguiu usá-lo, então a avó teve que levantar as ripas, uma por uma; e toda vez que uma era levantada, Lindsay pulava e batia palmas, dizendo: “Oh, vovó!”

Por fim, a última ripa foi levantada; e, num momento, o sabiá voou para cima, para cima, para cima, até a árvore de bordo, e Lindsay e a avó se beijaram de felicidade.

Ah! Tudo estava alegre no jardim. A brisa fazia travessuras e soprava as pétalas para o chão, e lá nas árvores mais altas os pássaros faziam um concerto. Oratórios, pardais azuis, tordos, gralhas tagarelas, pardais marrons e pica-paus de chapéu vermelho estavam todos cantando para a avó e Lindsay; mas o cantor mais doce era o sabiá, que cantava as canções doces de todos, e depois a sua própria, que era a mais doce de todas.

“Eu sei que ele está feliz,” disse Lindsay para a avó, “porque é, ah, tão bonito viver dentro do portão do seu jardim!”